Instituição
Gilu

Título da tecnologia
Metodologia Gilu De Acesso À Psicoterapia Para Mulheres Em Vulnerabilidade

Título resumo

Resumo
A Metodologia Gilu de Acesso à Psicoterapia para Mulheres em Vulnerabilidade conecta mulheres em vulnerabilidade a psicólogas recém-formadas, garantindo atendimento psicológico contínuo, ético, acessível e supervisionado por até 12 meses, além de promover desenvolvimento profissional às psicólogas. Organizada em etapas de acolhimento, triagem, seleção, pareamento, acompanhamento técnico, registro em prontuário e avaliação, a metodologia é digital, de baixo custo, escalável e replicável em diferentes contextos e territórios. Desde 2020, já atendeu centenas de mulheres, fortalecendo cuidado, autonomia, bem-estar, vínculos comunitários e trajetórias de vida, ampliando o acesso à saúde mental.

Objetivo Geral
Promover acesso contínuo, ético e supervisionado à psicoterapia para mulheres em vulnerabilidade socioeconômica e emocional, fortalecendo autonomia, bem-estar e proteção psicossocial. A metodologia busca reduzir barreiras históricas de acesso à saúde mental e ampliar oportunidades de atuação qualificada para psicólogas em início de carreira.

Objetivo Específico
Realizar acolhimento qualificado e triagem ética de mulheres em vulnerabilidade. Garantir atendimento psicológico contínuo, acessível e supervisionado por até 12 meses. Fortalecer autonomia, segurança emocional e capacidade de enfrentamento das mulheres atendidas. Oferecer desenvolvimento profissional, intervisão e suporte técnico às psicólogas participantes. Sistematizar processos digitais de triagem, pareamento, registro e monitoramento. Replicar um modelo de cuidado psicológico de baixo custo, digital, escalável e adaptável a diferentes territórios.

Problema Solucionado
Mulheres em vulnerabilidade enfrentam dificuldades estruturais para acessar psicoterapia contínua, segura e ética. Filas extensas na rede pública, atendimentos pontuais, falta de continuidade e ausência de suporte especializado fazem com que sofrimentos como ansiedade, depressão, violência de gênero, sobrecarga de trabalho, maternidade solo e impactos do racismo permaneçam sem cuidado adequado. Ao mesmo tempo, psicólogas recém-formadas têm pouca oportunidade de exercer a prática clínica com supervisão, recebendo baixa remuneração ou enfrentando informalidade. A soma dessas lacunas impede que mulheres que mais necessitam de cuidado psicológico tenham acesso ao serviço. A Metodologia Gilu resolve esse problema ao criar uma ponte estruturada, digital e de baixo custo entre mulheres de baixa renda e psicólogas em início de carreira. Oferece acolhimento, triagem, pareamento qualificado, psicoterapia contínua, supervisão técnica, prontuário eletrônico e acompanhamento, garantindo acesso regular à saúde mental e fortalecendo redes femininas de cuidado.

Descrição
A Metodologia Gilu de Acesso à Psicoterapia para Mulheres em Vulnerabilidade organiza o processo de cuidado em etapas claras e contínuas. Mulheres interessadas se inscrevem por formulário e passam por triagem socioeconômica e emocional, para checagem de critério financeiro (renda familiar per capta de 1 salário mínimo) e demanda. Paralelamente, psicólogas recém-formadas são selecionadas por análise curricular, comprovação profissional e entrevista, passando por onboarding com manual, código de ética e treinamento. Após essa preparação, ocorre o pareamento entre paciente e psicóloga, considerando perfis, temáticas e disponibilidade. O atendimento é semanal, por videochamada, durante seis meses, renováveis por mais seis. Todas as sessões são registradas em prontuário eletrônico, que também contabiliza presenças, faltas, remarcações e continuidade. A responsável técnica oferece suporte diário às psicólogas, e há intervisões quinzenais para alinhamento ético, discussão de casos e fortalecimento profissional. As mulheres têm contato direto com a equipe por e-mail e pela ouvidoria. A finalização do acompanhamento é planejada, dialogada e, quando necessário, acompanhada de encaminhamento para serviços públicos como CAPS, CRAS, CREAS, Defensoria Pública ou Delegacia da Mulher. A metodologia foi construída de forma colaborativa desde 2020, quando a Gilu nasceu a partir da escuta de psicólogas recém-formadas e de mulheres que enfrentavam sofrimento emocional, violência e dificuldades severas de acesso à saúde mental. A organização emergiu como resposta às filas no SUS, atendimentos pontuais e à dificuldade de continuidade em serviços públicos. Em seus primeiros anos, a Gilu atuou de forma independente e baseada na comunidade, consolidando fluxos, critérios de acesso, protocolos éticos, processos

administrativos e instrumentos de triagem que foram sendo aperfeiçoados a partir da prática. O histórico da instituição reflete sua vocação comunitária: desde 2020, mais de 250 mulheres foram atendidas por pelo menos 3 meses, mais de 5.000 a 6.000 sessões foram realizadas e 67 psicólogas participaram da rede, sendo 12 ativas atualmente. As transformações da metodologia como revisão de critérios, aprimoramento da triagem, política de faltas, linguagem mais acessível e ajustes no acolhimento, foram guiadas diretamente pelas necessidades percebidas e relatadas pela própria comunidade usuária. A participação da comunidade ocorre de forma contínua. A ouvidoria é aberta e ativa, recebendo relatos, sugestões e devolutivas que orientam as mudanças. Formulários de avaliação permitem que mulheres expressem sua percepção de melhora, dificuldades e expectativas. As psicólogas são coautoras da metodologia: participam de intervisões quinzenais, discutem casos, levantam necessidades emergentes e colaboram nos ajustes internos. Esses espaços garantem que a metodologia seja viva, adaptável e construída coletivamente. A interação da Gilu com a comunidade se dá também por meio de conteúdos educativos em saúde mental, apoio técnico constante, escuta ativa e orientação para acesso à rede pública de proteção. Essa atuação fortalece o exercício de direitos e o enfrentamento das desigualdades que atingem principalmente mulheres negras, mães solo e trabalhadoras precarizadas, alinhando-se principalmente às ODS 5 (Igualdade de Gênero), ODS 10 (Redução das Desigualdades), ODS 16 (Instituições Eficazes) e ODS 18 (Igualdade Racial). Os dados e evidências coletados ao longo dos anos demonstram impacto positivo. As taxas de permanência são altas: a maioria das mulheres permanece em atendimento por mais de três meses, e muitas completam os ciclos de seis ou doze meses. Há melhora percebida em indicadores emocionais como ansiedade, humor, autoestima e capacidade de enfrentamento. Relatos apontam mudanças concretas: retomada do trabalho, reorganização da rotina, saída de relações abusivas, fortalecimento de redes de apoio e sensação de segurança emocional. A análise de prontuários e intervisões também indica redução de risco psicossocial, maior clareza sobre direitos e fortalecimento da autonomia. Dessa forma, a Gilu consolidou uma metodologia digital, ética, de baixo custo e replicável, que combina rigor técnico, participação comunitária, empregabilidade e atenção psicossocial contínua. A interação permanente com a comunidade, somada à coleta sistemática de dados e à adaptação constante dos processos, sustenta a efetividade e a potência social da tecnologia.

Recursos Necessários

A implantação de uma unidade da Metodologia Gilu de Acesso à Psicoterapia para Mulheres em Vulnerabilidade requer recursos humanos, materiais e operacionais de baixo custo, devido ao formato digital da tecnologia social. Todas as operações funcionam remotamente. Pessoal essencial: • Coordenadora geral para gestão da unidade; • Responsável técnica (psicóloga) para supervisão clínica e suporte às profissionais; • Assistente administrativa para triagem, organização de dados e comunicação com usuárias; • Psicólogas parceiras responsáveis pelos atendimentos; • Profissional de tecnologia ou suporte terceirizado para manutenção das ferramentas digitais. Infraestrutura e equipamentos: • Computadores ou notebooks para equipe administrativa e técnica; • Telefone celular institucional ou chips de uso exclusivo para canal de comunicação com assistidas; Ferramentas e sistemas digitais: • Plataforma de videochamada (Google Meet ou equivalente); • Sistema de prontuário eletrônico (já existente); • Ferramentas de triagem, formulários e banco de dados; • Plataforma de e-mail institucional; • Armazenamento em nuvem para documentos internos; • Ferramentas de comunicação com usuárias (e-mail, ouvidoria digital, canais de mensagem). Materiais complementares: • Guias, fluxos internos e manuais da metodologia; • Materiais de divulgação digital (posts, formulários, instruções de acesso).

Resultados Alcançados

Desde 2020, a Metodologia Gilu de Acesso à Psicoterapia para Mulheres em Vulnerabilidade atendeu diretamente cerca de 250 mulheres por pelo menos 3 meses, totalizando entre 5.000 e 6.000 sessões de psicoterapia. Ao longo da trajetória, 67 psicólogas participaram da rede, são 12 atualmente ativas, garantindo atendimento contínuo, ético e supervisionado. As taxas de permanência são altas: a maioria das mulheres segue no processo por mais de três meses, e grande parte completa ciclos de seis a doze meses, o que demonstra vínculo, confiança e percepção de benefício. Os resultados quantitativos monitorados incluem número de sessões por pessoa, frequência, faltas, remarcações e evolução do tempo de acompanhamento. Esses dados são acompanhados pelo prontuário eletrônico, que registra cada atendimento e permite análises de continuidade e engajamento. Os resultados qualitativos são especialmente expressivos. A percepção das mulheres é registrada por meio da ouvidoria, avaliações internas e comentários espontâneos nas redes sociais, onde relatam acolhimento, sensação de segurança emocional e a possibilidade de compreender experiências antes naturalizadas. Muitas destacam que o processo terapêutico permitiu reconhecer situações de violência psicológica, relações abusivas, ambientes de trabalho tóxicos e dinâmicas de sobrecarga. Outras relatam melhorias na autoestima, organização da rotina, tomada de decisões e retomada de estudos ou trabalho. A percepção das psicólogas, registrada em intervisões quinzenais e supervisões, reforça esse impacto. Elas observam que as mulheres desenvolvem autonomia emocional, capacidade de identificar limites e habilidades de enfrentamento. Há avanços importantes em psicoeducação: compreender e nomear situações de violência, machismo, racismo e LGBTQIA+fobia, o que amplia consciência crítica e vem possibilitando formas mais saudáveis de resposta.

Muitas mulheres passam a reconhecer práticas discriminatórias antes normalizadas e, a partir disso, construir estratégias concretas para buscar proteção, exercer direitos e se afastar de contextos prejudiciais. Esse conjunto de indicadores evidencia que a metodologia promove impacto consistente na proteção psicossocial, no fortalecimento da autonomia e na ampliação do acesso a direitos, consolidando a Gilu como uma tecnologia social transformadora para mulheres em vulnerabilidade.



Locais de Implantação

Endereço:

toda Recife, Recife, PE